

**Antropologia e Turismo:  
breves considerações sobre as praias do litoral do Piauí**

DOI: 10.2436/20.8070.01.211

**Jonas Henrique de Oliveira**

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Professor da Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

E-mail: [jonashenrique@phb.uespi.br](mailto:jonashenrique@phb.uespi.br)

**Clódson dos Santos Silva**

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Brasil.

Professor da Universidade Estadual do Piauí, Brasil.

E-mail: [clodson@phb.uespi.br](mailto:clodson@phb.uespi.br)

**Resumo**

Este artigo tem o objetivo de analisar a relação entre antropologia e turismo de mar e sol, tendo como local privilegiado de interpretação etnográfica o litoral piauiense. Este litoral oferece um excelente campo de observação da cultura na perspectiva antropológica, pois além das belezas naturais, apresenta uma diversidade de atividades (pesca, fabricação de artesanatos, produção de mariscos, construção de embarcações tradicionais etc.) que contribuem para a compreensão da cultura em múltiplas dimensões. Neste trabalho direcionamos nossa análise para as narrativas dos trabalhadores do turismo sobre os turistas que visitam o litoral do Piauí, procurando acessar as suas visões de mundo. No processo de pesquisa que subsidia este artigo, lançamos mãos da combinação de duas estratégias: a parcela do trabalho que se debruça sobre a relação entre a antropologia e o turismo, assim como a reflexão sobre os pontos de convergência e divergência entre estas duas áreas foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica; já a parte que analisa as representações construídas pelos nativos em torno do turismo de sol e mar no litoral do Piauí foi trabalhada através dos dados empíricos levantados *in loco* a partir de pesquisa de campo nas seguintes localidades: praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia -PI; praia de Atalaia e praia do Coqueiro no município de Luís Correia - PI; e praia da Pedra do Sal em Parnaíba - PI. Turismo e antropologia são áreas que durante muito tempo permaneceram distantes. Apesar disso, nas últimas décadas vem ocorrendo um maior diálogo, que pode ser verificado pelo aumento das publicações científicas tanto no campo do turismo quanto no campo da antropologia. Esperamos, através deste trabalho, ampliar a sinergia entre turismo e antropologia, contribuindo para que a proximidade seja profícua e duradoura.

**Palavras-chave:** Antropologia. Turismo. Distinção Social. Praia. Lazer.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de analisar a relação entre a antropologia e o turismo de sol e mar, tendo como local privilegiado de interpretação etnográfica o litoral piauiense. Nas últimas décadas, o estado do Piauí se tornou um destino atrativo para os turistas do Nordeste e de outras regiões do país. Apesar de ter o menor litoral do Brasil, nele encontramos praias quase intocadas e destinos pouco conhecidos que revelam uma natureza exuberante. Não por acaso, milhares de pessoas ocupam as praias do litoral piauiense em busca de lazer e diversão, principalmente nos meses de dezembro e janeiro, assim como nos meses de junho e julho.

Existe também o ciclo das festas de fim de ano e carnaval, ocasiões em que os turistas de outras localidades do Piauí alugam casas habitadas por moradores locais para pequenas temporadas. Muitos residentes habituaram-se a se retirar temporariamente de suas residências já que um valor significativo alcançado com a locação se converte em uma fonte de renda tradicional nesses períodos a cada ano.

O litoral piauiense se destaca ainda pelo Delta do Parnaíba, também conhecido como Delta das Américas<sup>1</sup>. Ao se aproximar da sua foz no Oceano Atlântico, o rio Parnaíba desmembra-se em cinco braços distintos (Igarapu, Canárias, Caju, Melancieiras e Tutóia) formando na fronteira entre os estados do Piauí e Maranhão, cerca de oitenta ilhas e ilhotas envoltas em um emaranhado de igarapés e canais fluviais. A exuberante paisagem é composta por vários tipos de vegetação (tabuleiros, restingas, manguezais, mata ciliar de várzeas e vegetação sobre dunas) com grande diversidade faunística.

Entre os séculos XVI e XVII o litoral do Piauí foi habitado por um grupo indígena denominado de Tremembés (BORGES, 2010, p. 227). Ocupando esta paisagem encontramos atualmente uma população diversificada composta por pescadores fluviais, pescadores marítimos, pescadores de camarão, marisqueiras, catadores de caranguejos, artesãos de fibras naturais, redeiros, rendeiras e construtores de pequenas embarcações tradicionais.

O Delta está inserido, desde 1997, em uma Unidade de Conservação (UC), classificada como área de proteção ambiental (APA), denominada APA do Delta do Parnaíba envolvendo três estados: Ceará, Piauí e Maranhão. Em 2005 uma iniciativa do Sebrae e do Ministério do Turismo, foi criada a Rota das Emoções, circuito turístico composto pelas praias de Jericoacoara, Camocim e Barroquinha no Ceará; No Piauí, Cajueiro da Praia, Luís Correia, e Parnaíba; e pelos Lençóis Maranhenses, no Maranhão (MACÊDO, 201, p. 93). Esse é um circuito bastante disputado pelo turismo de sol e mar, pois apresenta dunas, mangues, belíssimas praias e ventos favoráveis à prática de vários esportes aquáticos. Neste cenário, a localização da cidade de Parnaíba é considerada estratégica, já que se tornou a principal porta de entrada de turistas para o Delta.

Contudo, na primeira metade do século XX este cenário bucólico era completamente diferente. Outrora, os braços do rio Parnaíba eram tomados pelo trânsito constante de embarcações a vapor que transportavam produtos da indústria extrativista, das casas comerciais que importavam mercadorias e negociavam seus produtos com

---

<sup>1</sup> Na maioria das vezes os rios desembocam no oceano através de um único canal ou braço, podemos citar como exemplo, o rio Amazonas. Quando a foz de um rio é formada por vários canais ou braços recebe a designação geográfica de delta.

Estados Unidos e Europa, das fábricas com suas fornalhas alimentadas pela vegetação local. A decadência deste ciclo econômico ocorreu ao longo da segunda metade do século XX, e foi ocasionada pela paulatina substituição dos produtos extrativistas por produtos sintéticos derivados do petróleo, e pela crescente diminuição do transporte marítimo e fluvial que deu lugar ao transporte rodoviário. Destarte, no lugar da cidade comercial/industrial começa a surgir um novo ciclo econômico baseado no turismo no que ficou designado como “*Indústria sem chaminé*” (OLIVEIRA, 2017, p. 54).

Ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, no lugar da produção de mercadorias através das indústrias extrativistas, consolidou-se na região uma sociedade onde o setor de serviços, especialmente o turismo e a educação, passaram a ocupar um papel central. Diante deste cenário, objetivamos compreender como as transformações ocasionadas pelo incremento do turismo possibilitam fenômenos que tendem a alterar a forma como os locais se percebem e são percebidos em contato direto com esses outros atores sociais - os turistas. Não raro, os guias locais tendem a classificar os turistas a partir das regiões que estes residem. Deste modo, costumam afirmar que os turistas brasileiros tendem a ser mais exigentes e, por vezes, chatos porque comparam suas regiões com a região Nordeste e, consciente ou inconscientemente, afirmam que o turismo em suas regiões é mais profissional. Já visitantes de outros países, especialmente os europeus, são descritos como turistas que tendem a viver a experiência a partir do que a região oferece, valorizando a rusticidade e as idiosincrasias da cultura local.

O litoral do Piauí recebe um conjunto diversificado de turistas. Os visitantes são estratificados em classes pelos moradores locais ou trabalhadores ligados ao setor turístico. Os turistas de outras nacionalidades são genericamente classificados como “*gringos*”. Nesta categoria podemos identificar uma subdivisão que distingue os “*mochileiros*” e os estrangeiros que viajam através de agências. Outro conjunto de visitantes são os brasileiros formados por pequenos grupos familiares e de amigos que viajam por conta própria. Existem também os “*farofeiros*”, grupos com maior número de excursionistas oriundos do interior do Piauí e estados vizinhos que fretam ônibus para uma curta estadia no litoral. Eles frequentemente transportam a maior parte dos seus próprios alimentos ou adquirem em supermercados locais, deslocando-se para a beira-mar sem necessariamente consumir nas barracas de praia.

É interessante notar que do ponto de vista dos trabalhadores que vivem do turismo nem todo visitante é considerado um turista no sentido estrito do termo. Os “*mochileiros*”, por exemplo, apesar de serem considerados “*gringos*” que saíram de seus países e residências, para conhecerem um local diferente, não são interpretados como turistas verdadeiros. Em termos nativos, os turistas propriamente ditos são aqueles que consomem bens e serviços durante suas viagens. “*gringos*”, “*mochileiros*” e “*farofeiros*” que vistam as lojas, mas nada compram e, por isso, têm sua identificação de turista comprometida. Na percepção dos trabalhadores que vivem do turismo, os “*turistas*” que visitam o litoral são, em sua maioria, brasileiros, moradores de Teresina, Brasília, Ceará e regiões Sul e Sudeste.

Indubitavelmente, a expansão do turismo provoca profundas transformações no ambiente, sobretudo as relacionadas ao fator econômico. Na última década, em especial,

---

<sup>2</sup> O termo “*indústria sem chaminés*” foi empregado pela imprensa parnaibana como uma possibilidade de progresso econômico através do turismo.

empreendimentos ligados ao setor do turismo (hotéis e pousadas) se fixaram e ampliaram a oferta de hospedagem contribuindo para a expansão do turismo, mas também provocaram, via de regra, a poluição sonora, a proletarização de jovens de comunidades tradicionais, conflitos geracionais, o aumento da produção de resíduos humanos e poluição visual. Contudo, é importante considerar que o setor hoteleiro mobilizado pelo turismo não é homogêneo. Existem estabelecimentos que incorporaram as práticas ecologicamente sustentáveis como estratégia para atrair um perfil específico de clientela, como ocorre, por exemplo, no ecoturismo, no turismo de base comunitária, nas pousadas que são cuidadosamente elaboradas para parecerem rústicas. Estes estabelecimentos são produzidos especialmente para o público estrangeiro e do Sul e Sudeste brasileiro.

Mas o que a antropologia tem a dizer sobre tudo isso? Assim como o turismo, a antropologia também trabalha com a ideia de deslocamento, como tão bem mostrou a série documental *Strangers Abroad* (estranhos no exterior) distribuída pelo *Royal Anthropological Institute* na década de 1980, através da reconstituição das trajetórias das pesquisas de campo de Spencer, Rivers, Boas, Malinowski, Mead e Evans-Pritchard. Contudo, a natureza desse deslocamento possui particularidades para cada uma das áreas. Na antropologia a viagem de campo demanda muito tempo e faz parte de processos sistemáticos de imersão na cultura do outro, objetivando compreender a lógica daquele mundo do ponto de vista nativo para posteriormente traduzi-lo em linguagem típica do campo acadêmico. Já no turismo esse deslocamento pode ser interpretado a partir do ponto de vista do lazer. Segundo Melo (2004, p. 8), a necessidade do turista pode ser satisfeita superficialmente em um curto espaço de tempo a partir do contato com alguns aspectos do local visitado tais como gastronomia, paisagens, artesanato, manifestações folclóricas ou religiosas dentre tantos outros. Talvez estas diferentes perspectivas expliquem o fato do turismo estar historicamente pouco presente nas reflexões dos autores clássicos da antropologia.

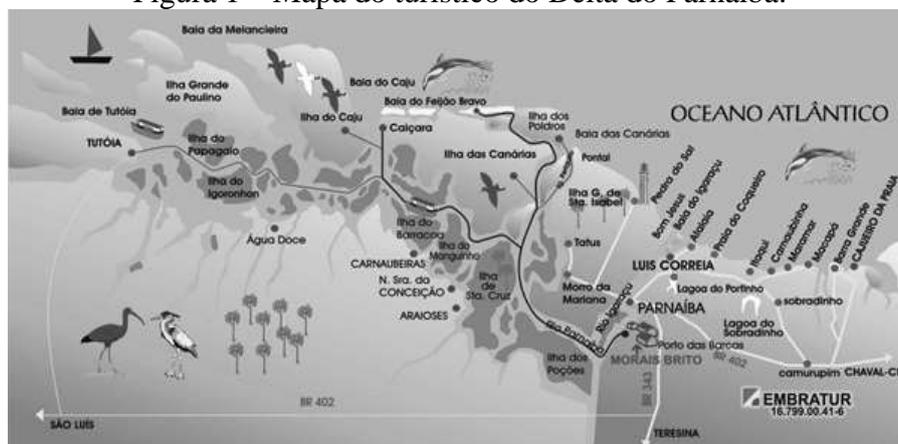
Contudo, para além das diferenças, há convergências. Nas últimas décadas a antropologia e o turismo vêm se aproximando e produzindo trabalhos etnográficos que contribuem para desvendar os significados que os turistas dão a experiência de viajar, assim como a relação entre nativos e viajantes que, através do encontro entre diferentes modos de ver e interpretar o mundo, produzem e compartilham alteridades.

Destarte, o presente artigo procura analisar os diferentes encontros ocorridos a partir da expansão do turismo no litoral do estado do Piauí e, através desta, a analisar a relação entre turismo e antropologia, tendo os viajantes e a população local como sujeitos de nossas análises. Nossa intenção é compreender as práticas turísticas através do método etnográfico. Acreditamos que isso possa constituir uma sinergia entre a antropologia e o turismo. Nesse sentido, o litoral do Piauí se apresenta como um *locus* privilegiado para as interpretações antropológicas, ao mesmo tempo em que permite a compreensão de fenômenos culturais que nos possibilitam compreender a teia de significados que compõem uma cultura (Geertz, 1978, p. 15).

## 2 METODOLOGIA

Neste artigo delimitamos nossas reflexões sobre as seguintes localidades: praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia - PI; praia de Atalaia e praia do Coqueiro no município de Luís Correia - PI; praia da Pedra do Sal em Parnaíba - PI. Este recorte empírico é capaz de revelar, mesmo que panoramicamente, os diferentes cenários do turismo de sol e mar no litoral piauiense.

Figura 1 – Mapa do turístico do Delta do Parnaíba.



Fonte: clipeturismo.tur.br

No processo de pesquisa que subsidia este artigo, lançamos mãos da combinação de duas estratégias: a parcela do trabalho que se debruça sobre a relação entre a antropologia e o turismo, assim como a reflexão sobre os pontos de convergência e divergência entre estas duas áreas foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica; já a parte que analisa as representações construídas pelos nativos em torno do turismo de sol e mar no litoral do Piauí, foram trabalhadas através dos dados empíricos levantados *in loco* a partir de pesquisa de campo nas seguintes localidades: praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia - PI; praia de Atalaia e praia do Coqueiro no município de Luís Correia - PI; praia da Pedra do Sal em Parnaíba - PI. A partir do olhar antropológico, procuramos compreender o turismo “do ponto de vista nativo”. Levantando as percepções sociais que pescadores, comerciantes de artesanatos, vendedores ambulantes, donos de barracas de praia e guias têm do turismo. Destarte, não estamos simplesmente preocupados em apontar como o turismo da região deveria ser. A proposta foi a de reconhecer o significado nativo, procurando construir uma análise interpretativa, descrevendo as representações sociais ligadas ao turismo construídas em torno de cada um desses lugares.

### 3 ANTROPOLOGIA E TURISMO: PROXIMIDADE, DISTÂNCIA E (DES)ENCONTROS

Os trabalhos que se dedicam a compreender a relação entre a antropologia e o turismo afirmam que durante muito tempo os antropólogos permaneceram distantes das análises do turismo. As explicações para este distanciamento são muitas. Destarte, é possível afirmar que o desdém que a antropologia nutriu pelo turismo se deu porque este objeto foi durante muito tempo considerado um tema menor e sem importância (COUSIN e APCHAIN, 2019; MELO, 2004).

Cousin e Apchain (2019, p. 22) afirmam ainda que “as considerações teóricas no campo da etnologia se interessam pelas invariantes, pelas estruturas e solidariedades coletivas, enfim, por tudo aquilo que faz com que uma sociedade não se modifique”. Barretto (2003, p. 15), afirma que “há apenas 40 anos e vencendo a resistência dos seus pares, já que o turismo não gozava de prestígio acadêmico dentro das ciências sociais, alguns antropólogos e sociólogos ousaram abordar o turismo como objeto de estudo científico”.

A nosso ver, o distanciamento entre a antropologia e o turismo se deve, em parte, ao preconceito dos antropólogos em relação ao turismo e, em parte, porque as práticas turísticas se modificam com regularidade, o que dificulta a elaboração de conceitos e teorias abrangentes. Deste modo, as teorias etnológicas são produzidas a partir daquilo que não varia profundamente em uma sociedade ou daquilo que é recorrente. O turismo se modifica de tempos em tempos, podendo provocar mudanças nas localidades e, deste modo, alterar a relação entre os turistas e a população local.

É importante destacar que os trabalhos que aproximam turismo e antropologia vêm ocorrendo muito mais por uma iniciativa dos turismólogos que utilizam os conceitos antropológicos em suas análises do que por parte dos antropólogos que, apesar dos avanços recentes, ainda não dedicam uma robusta produção na compreensão do fenômeno do turismo no Brasil.

Em sua análise sobre o turismo, Barretto (2003, p. 21) afirma que:

O turismo consiste no deslocamento de pessoas que, por diversas motivações, deixam temporariamente seu lugar de residência, visitando outros lugares, utilizando uma série de equipamentos e serviços especialmente implementados para esse tipo de visitação. A atividade dos turistas acontece durante o deslocamento e a permanência fora da sua residência. Os negócios turísticos são os realizados nos equipamentos ou durante a prestação de serviços que os turistas utilizam na preparação e na execução da sua atividade.

Na construção do saber antropológico, em geral é o antropólogo que se desloca, com a finalidade de investigar e conhecer as particularidades das culturas com as quais tem contato. Assim, antropologia e turismo são áreas próximas porque compartilham interesses comuns e desenvolvem análises ancoradas nas narrativas e experiências da população local. A antropologia procura compreender a influência da cultura sobre o ser humano e o turismo mira o seu olhar na forma como os homens viajam, como os viajantes são recebidos nos locais que visitam e os comportamentos que emergem no contato dos moradores locais com os viajantes.

No processo de aproximação entre a antropologia e o turismo, Leal (2010, p. 06) considera que o trabalho de campo pode contribuir para o turismo, pois:

Nesse sentido, o trabalho de campo antropológico possibilita dar a ver pessoas, experiências, redes sociais e sistemas de trocas, que passam despercebidos dos olhares de longe e de fora de outros modelos metodológicos, tornando-se também um meio de dar voz às populações nativas que viabilizam e protagonizam o desenvolvimento turístico em seus territórios.

Por fim, Leal (2010, p. 07) explora a contribuição do método etnográfico para o turismo:

O método etnográfico pode ainda servir como recurso de apoio à Antropologia Aplicada, servindo como ferramenta para a concretização de ações, pesquisas, projetos e políticas promovidas por instituições públicas e privadas. Além de embasar ações de associações não-governamentais destinadas à busca de um turismo responsável e tornando-se um importante auxílio no processo de planejamento.

Assim sendo, é cada vez mais difícil dissociar o turismo da antropologia, no sentido de que as duas áreas têm muito a ganhar com um diálogo profícuo sem que uma se coloque superior à outra. A troca de experiências pode ser útil para a antropologia, no sentido de esta área compreender funções latentes que se tornam manifestas na prática do turismo que, por sua vez, tende a ganhar com as ferramentas elaboradas no campo da antropologia para compreensão dos comportamentos dos indivíduos e grupos. Cousin e Apchain (2019, p. 32) afirmam que:

De maneira mais geral, o antropólogo ou antropóloga observa práticas sociais, religiosas, econômicas; interessa-se pela cultura material, pela relação com o corpo, com as imagens e com o mundo exterior; ouve narrativas, discursos, trocas formais e informais. Em resumo, ele ou ela se interessa pelo sentido que as pessoas – turistas ou anfitriões – dão ao que eles mesmos fazem e ao que fazem e dizem aqueles que consideram como próximos ou diferentes.

É no encontro entre a antropologia e o turismo que as análises das práticas religiosas, sociais, econômicas, etc. ganham sentido tanto para aqueles que viajam quanto para aqueles que buscam compreender atentamente os sentidos que anfitriões e turistas dão a experiência que compartilham um com o outro.

#### **4 TURISMO NAS PRAIAS DO LITORAL DO PIAUÍ: LAZER E DISTINÇÃO SOCIAL**

Conforme argumenta Alain Corbin na obra “O território do Vazio” (1989), os interesses pelos espaços das praias vêm à tona ao longo do século XVII e XVIII na Europa através do discurso médico que enaltecia os efeitos terapêuticos do banho de mar, posteriormente esse discurso se difunde para todo Ocidente. Com o passar do tempo, o discurso muda e banho de mar se torna tanto lazer quanto um forte elemento de distinção social.

A relação estabelecida entre as elites europeias e o litoral marinho no século XIX mostrou a distinção social que passou a fazer parte deste espaço. O desenvolvimento do capitalismo e a emergência de novas fontes de poder econômico introduziram mudanças nas relações sociais, elegendo novos hábitos e práticas nos espaços naturais, como o contato com os banhos de mar e o desejo de estadia à beira mar, transformando a praia em local de exposição dos comportamentos da elite, ou seja, a “prática civilizada” dos banhos (ENKE, 2017, p. 173).

No Brasil, foi no decorrer do século XX e XXI que a praia foi se tornando *locus* do turismo de massa. No estado do Piauí, foi entre as décadas de quarenta e sessenta do século XX que pudemos constatar o deslocamento de grupos de pessoas do Piauí, com relativo poder econômico, para passarem temporadas em casas de veraneio no litoral do estado. No município de Luís Correia, outrora Amarração, e na praia da Pedra do Sal existem registros, nesse período, de casas alugadas ou construídas exclusivamente para esta finalidade.

Inicialmente sem acesso à energia elétrica ou abastecimento de água encanada, as casas de pescadores locais eram temporariamente alugadas ou definitivamente adquiridas. Nas construções de arquitetura rústica predominavam o uso de palhas, troncos de carnaúba e piso de areia. No decorrer dos anos, edificações mais sofisticadas

foram sendo instaladas com destaque para Paraqueira<sup>3</sup> na praia da Pedra do Sal e na praia do Coqueiro. As construções rústicas até hoje predominam no cenário do litoral piauiense. Diferentemente de outras cidades litorâneas, no Piauí não há prédios altos na orla. No perfil das construções predominam residências luxuosas, casas de veraneio mais simples, hotéis e resorts que abrigam turistas na alta estação.

O litoral do Piauí abarca atividades de lazer que vão desde o passeio pelo Delta do Parnaíba, trilhas sobre dunas, o banho de mar, passeios para ver cavalos marinhos, peixes-boi ou a revoada dos Guarás<sup>4</sup>, além de uma extraordinária culinária local. Nesse sentido, podemos visualizar aspectos da cultura, através do lazer e do turismo típicos da região.

#### 4.1 Praia de Atalaia

Nas décadas de quarenta e sessenta do século XX, reverberando a moda na Europa e nos Estados Unidos, as praias de Luís Correia começaram a ser utilizadas para veraneio e balneário principalmente pelas elites locais da época. No início do século XXI, ficava nítido que importantes transformações alteraram a paisagem e formas de apropriação e consumo dos espaços na praia de Atalaia. Conhecida no passado como praia de Amarração, Atalaia possui quinze quilômetros de extensão e fica a dois quilômetros de distância do centro de Luís Correia. O local experimentou nas últimas décadas um expressivo processo de urbanização, com a construção e ampliação de bares, restaurantes, pousadas, hotéis e segundas residências. Contudo, a mudança mais marcante ocorre com a presença de frequentadores que chegam ao litoral através de excursões de ônibus fretados conduzindo turistas que levam a sua própria alimentação para um dia de lazer à beira-mar.

Como em muitas praias brasileiras, turistas que pertencem às camadas sociais menos favorecidas levam a alimentação para a praia e, por este motivo, são pejorativamente chamados de “*farofeiros*”. Huguenin (2011, p. 159) afirma que:

Portanto, a ideia de farofa é uma metáfora para designar, no que tange às relações sociais, a mistura e a integração realizadas à maneira de bagunça e de desordem, formas associadas, ainda, à pobreza. Como adjetivo, a farofa, ou melhor, o farofeiro, é uma categoria de acusação dirigida aos que parecem (des)colados esteticamente de um contexto relacionado às classes dominantes. No Brasil, o farofeiro está fundamentalmente associado às classes populares e à inadequação a um determinado padrão comportamental que inclui, entre outras desqualificações, adjetivos como “*arruaceiros*”, “*baderneiros*”, “*folgados*”, “*cafonas*” e, a mais evocada delas, “*sujos*”.

Assim, a praia como espaço social passa a significar não só um lugar de lazer como também inaugura distintas formas de sociabilidade. A presença simultânea de distintas classes sociais reflete as diferenças de estilos de vida entre aqueles que circulam na praia, sendo particularmente visíveis nas formas de consumir. Pois, seguindo uma cronologia do uso terapêutico da praia para o uso lúdico, pode-se dizer que, num terceiro momento, a praia se transforma num lugar que atrai para diversas

<sup>3</sup> Construção localizada na Pedra do Sal, construída sobre pedra que aproveita a luz solar e os ventos.

<sup>4</sup> Guará ou *Eudocimus ruber* é uma ave típica dos manguezais do Delta do Parnaíba. A cor vermelha da sua plumagem é adquirida através de um pigmento presente nos crustáceos que fazem parte da sua dieta.

formas de consumo, efetivando-se como palco de disputas simbólicas de poder na apropriação e usufruto de seus espaços (ARAÚJO e ANDRADE, 2011, p. 04).

Figura 2 – Praia de Atalaia, Luís Correia.



Fonte: <https://www.jornaldaparnaiba.com/>.

Na praia de Atalaia, é possível observar o processo de popularização, pois, ao que tudo indica, essa é a praia preferida daqueles que optam em viajar para o litoral em ônibus de excursão ampliado pelo turismo de massa nos meses de junho e julho, assim como nos três meses iniciais do ano. O turismo de massa se expandiu pelo aumento da rede hoteleira próxima a essa praia e pelo maior número de residências que podem ser alugadas por temporada e, deste modo, ampliou a quantidade de pessoas que ocupam o mesmo espaço a custo relativamente baixo.

Outro fator importante, é que na praia do Atalaia a rede de bares e restaurantes é mais ampla do que em outras praias do litoral piauiense. Isso contribui para que os turistas encontrem preços e opções acessíveis, o que, a nosso ver, ampliou o fluxo de turistas nessa praia nos últimos anos. Além disso, a regularidade do transporte público contribui para que Atalaia seja a praia numericamente mais visitada. E por fim, essa praia recebeu incentivo do governo estadual para ter seus quiosques padronizados e a pavimentação do seu calçadão renovada, assim como o acesso à praia oferecendo opções de estacionamento para veículos de pequeno, médio e grande porte.

De certo modo, a praia do Atalaia se tornou o principal destino de grandes grupos de turistas, enquanto praias mais distantes localizadas em Luís Correia tais como Coqueiro, Itaqui, Carnaubinha, Maramar e Macapá, acabam recebendo turistas com maior poder econômico, para os quais ofertas mais exclusivas foram montadas ao longo dos anos.

#### 4.2 Praia Pedra do Sal – Pedral

A praia Pedra do Sal está situada na ilha fluvial Ilha Grande de Santa Isabel a quinze quilômetros do centro histórico de Parnaíba, sendo a única que está localizada neste município. Talvez por isso, haja uma disputa de defini-la como a praia mais bonita da região, pois as demais praias ficam em Luís Correia, Cajueiro da Praia e Barra Grande. Não é incomum encontrarmos moradores de Parnaíba que afirmam que optam

em frequentar a praia da Pedra do Sal porque preferem valorizar a praia do município. Deste modo, é possível afirmar que essa praia se encontra envolvida em disputas simbólicas promovidas pelos moradores da cidade de Parnaíba em oposição aos moradores que frequentam as praias de outras cidades.

Habitada por uma comunidade de pescadores artesanais, a rusticidade da paisagem da praia Pedra do Sal é marcada pela formação de rochedos graníticos que dividem a praia em duas partes: o “*lado manso*” com poucas ondas é frequentado por banhistas e serve de ancoradouro dos barcos de pesca artesanal, e o “*lado bravo*” de ondas agitadas, mais frequentado por surfistas. A hospedagem nesta praia é realizada principalmente através de aluguel de casas dos pescadores locais.

O acesso a esta praia até a primeira metade do século XX exigia uma elaborada logística. Depois de atravessar o rio Igarçu em batelões, os veranistas percorriam vários quilômetros em uma estrada de areia fina até chegarem a Pedra do Sal. A construção de uma estrada no início dos anos 1970, e da ponte Simplício Dias da Silva em 1975, e a implantação da rede elétrica nos anos 1980, facilitou consideravelmente o trânsito de turistas.

Entretanto, nas últimas décadas a especulação imobiliária tem se tornado uma preocupação de parte dos moradores locais. Em 2014 começou a ser construído um resort e condomínio residencial pelo grupo internacional *Pure Resorts Hotels & Residences*. O condomínio de luxo fechado integrado ao resort seria composto por 400 lotes, um centro comercial, um clube com piscina, escola de *kitesurf*, quadras de tênis, campo de futebol, lagoas, uma eco fazenda e um centro de qualificação profissional para a comunidade local. Contudo, através de uma forte mobilização social do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Piauí a obra foi abandonada em 2017.

Figura 3 – Praia Pedra do Sal, Parnaíba.



Fonte: portalodia.com

Na última década a paisagem foi fortemente alterada com a construção de parques eólicos. A instalação dessas usinas gera controvérsias porque promovem a interdição do trânsito dos pescadores nas proximidades de onde estão localizadas as torres eólicas. Todavia, o número de empresas e o tamanho da área destinada à produção de energia eólica tem aumentando constantemente nas imediações da praia da Pedra do Sal.

Atualmente a praia da Pedra do Sal é frequentada quase que exclusivamente por moradores de Parnaíba. A ausência de turistas é explicada pela estrutura precária das barracas de praia, e pelo fato da praia estar fora dos roteiros que as agências de turismo negociam. Já a presença maior de moradores de Parnaíba pode estar relacionada ao preço dos produtos que são vendidos nas barracas de praia, consideravelmente mais baratos e menos elaborados do que os serviços que são oferecidos em outras praias do litoral piauiense.

### 4.3 Praia do Coqueiro

A praia do Coqueiro, localizada a cerca de dez quilômetros do município de Luís Correia, recebe esta denominação devido a quantidade de coqueiros presentes nos seus dezesseis quilômetros de extensão. Em um trecho da praia existe uma barreira de corais, visível apenas na maré baixa, que forma piscinas naturais.

Com a popularização do turismo de massa na praia de Atalaia, a praia do Coqueiro, que até então era uma pacata vila de pescadores, foi atraindo a atenção de veranistas que enxergaram ali um lugar bucólico para se refugiar. Atraídos por essas características, outros visitantes ocasionais passaram então a frequentá-la. Durante a década de 1980, o turismo na praia do Coqueiro começa a se desenvolver de forma mais nítida, as estruturas em palhas e troncos de madeira começam a dar lugar a bares e restaurantes à beira mar. Associada à construção e ampliação desses empreendimentos, intensifica-se a construção de casas de praia passando a receber expressivo número de turistas, especialmente em períodos de férias, carnaval e festas de fim de ano.

Diferentemente do que foi apontado em relação a praia de Atalaia, a praia do Coqueiro é frequentada por um público nitidamente mais elitizado. Não há uma única razão que explique tal fato, mas, a ausência de transporte público até o local, a falta de espaço para estacionamento de grandes veículos utilizados nas excursões, os preços elevados dos serviços oferecidos nas barracas de praia são fatores que contribuem para explicar a baixa frequência de turistas de camadas mais populares nesta praia.

Figura 4 – Praia do Coqueiro, Luís Correia.



Fonte: Ministério do Turismo.

O traço mais marcante desta praia são as luxuosas casas de veraneio. A produção imobiliária associada às atividades de turismo e a construção de segundas residências tem atraído muitos investidores para a praia do Coqueiro. Contudo, esses espaços passam boa parte do tempo vazios e, como consequência disto, parte da população local é arregimentada para serviços de vigilância e manutenção desses imóveis.

Atualmente a praia do Coqueiro é muito frequentada por visitantes que buscam o turismo de esporte e aventura. Além do *Kitesurf*, a região tem recebido turistas praticantes de *off road* através de quadricíclos e UTVs - *Utility Task Vehicle*, veículo utilitário multitarefas produzido pela montadora *Can-Am*.

#### 4.4 Praia de Barra Grande

Das praias do litoral piauiense analisadas até aqui, Barra Grande é nitidamente a que o turismo se encontra em franca ascensão. Localizada no município de Cajueiro da Praia, Barra Grande possui uma dinâmica própria, com quatro quilômetros de extensão e distante a sessenta quilômetros de Parnaíba, ela se destaca a partir do início do século XXI por receber um intenso fluxo turístico baseado na prática de esportes aquáticos, especialmente o *kitesurf*. Apresentada como “*Nova Jeri*”, em referência a praia de Jericoacoara no Ceará, a praia tem atraído turistas praticantes de esportes aquáticos de todo o país e da Europa.

Figura 5 – Barra Grande.



Fonte: <https://turismo.pi.gov.br/turismo-piaui/cajueiro-da-praia/>.

O turismo na praia de Barra Grande remonta ao início da década de setenta do século XX, quando veranistas oriundos principalmente de Teresina e Parnaíba no Piauí e de Jericoacoara e Camocim no Ceará passaram a frequentar o local durante o período de férias. Macêdo (2011, p. 101), observa que uma das particularidades de Barra Grande é o fato dos turistas das camadas populares e turistas com maior poder aquisitivo ocuparem regiões diferentes da praia. A partir da década de noventa aumenta o fluxo de turistas que vinham em excursões organizadas por grupos de amigos sem intermediação de agências.

O processo de estratificação social desta praia com repercussões no cotidiano da comunidade local, se acentua a partir de 2005 com a introdução do *Kitesurf*. Neste contexto, a inauguração da pousada BGK – Barra Grande *Kite Kamp* com instalações e suporte para praticantes de *Kitesurf* pode ser apontada como grande marco. A praia começa a receber eventos do circuito nacional e internacional de *Kitesurf*. *Resorts* de alto luxo, pousadas, hotéis e escolas de *Kitesurf* são inaugurados em Barra Grande. O aumento do interesse de estrangeiros na aquisição de propriedades para moradia e abertura de empreendimentos comerciais segue os passos do fenômeno semelhante ocorrido a cento e setenta quilômetros de distância, na praia de Jericoacoara - Ceará. Atualmente a praia de Barra Grande é a única praia do município de Cajueiro da Praia que possui estrutura de hotéis, pousadas, bares e restaurantes, associação de guias e condutores (MACÊDO, 2011, p. 95).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista antropológico, a praia não se limita a uma faixa de sedimento que está localizada na zona de encontro entre o mar e a área costeira. A praia no sentido que tomamos neste artigo, é resultado de um longo processo de construção social e simbólica não ficando estática ao longo do tempo, como tão bem demonstrou Corbain (1989). As praias da Pedra do Sal, Atalaia, Coqueiro e Barra Grande foram apropriadas de diversas maneiras ao longo da história. De cenário idílico em que os

pescadores artesanais e suas famílias e a natureza eram interpretados de forma quase que indistinta pelos veranistas que visitavam regularmente tais espaços, até a praia segmentada por processos de distinção que classifica cada praia conforme seu público sobre o signo do prestígio e do consumo.

As praias aqui analisadas, além de lócus de vivências, experiências e sensibilidades ligadas ao turismo, também são lugares de conflitos e de poder. É instigante observar como os veranistas da primeira metade do século XX se deslocavam nas férias de trem para a praia de Atalaia transformando aquela praia em um balneário elitizado (ARAKEN, 1988, p. 30-31). E como na medida em que se aproximava o final do século XX esta praia foi ganhando outras feições com a presença cada vez maior de turistas de camadas populares. Fenômeno semelhante ocorreu com a praia da Pedra do Sal, que até a construção da estrada no início da década de 1970 e da ponte Simplício Dias da Silva finalizada em 1975 eram frequentadas por veranistas obstinados da elite local que perfaziam o longo caminho de areia até aquela vila de pescadores artesanais em busca de uma praia rústica. A construção da estrada e da ponte facilitou o acesso à praia da Pedra do Sal, possibilitando a construção de residências de alvenaria, a chegada da energia elétrica em 1980 e um crescente fluxo de visitantes (OLIVEIRA, 2017, p. 105). Na medida em que as praias de Atalaia e Pedra do Sal se popularizaram, estas praias deixaram de despertar o interesse de parte dos veranistas que passaram a procurar praias mais exclusivas como a praia do Coqueiro em Luís Correia. Posteriormente a praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia emerge como a mais exclusiva das praias do litoral piauiense, sendo frequentadas predominantemente por turistas do Sul e Sudeste, por praticantes de *Kitesurf* e turistas estrangeiros que percorrem a Rota das Emoções.

Além dos processos de estratificação social identificados nas praias da Pedra do Sal, Atalaia, Coqueiro e Barra Grande no litoral piauiense, constatamos também a pouca ênfase dada aos aspectos culturais destas localidades. Os operadores de turismo têm enfatizado predominantemente as representações sobre a natureza destes locais. Os nativos destas praias são apresentados como figurantes que são ofuscados pela exuberância da paisagem natural do Delta do Parnaíba. Entretanto, algumas iniciativas institucionais adotadas recentemente podem fazer com que os habitantes locais e suas manifestações culturais sejam ressignificadas pelo campo turístico. A criação em 2018 do Museu da Vila pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, em parceria com a Associação de Moradores, é a primeira iniciativa de rever essas lacunas. Ao trabalhar aspectos identitários tais como os modos de saber-fazer das artes de pesca e as tecnologias empregadas na construção de embarcação de pesca artesanal o Museu da Vila passa a ter um papel fundamental como agente multiplicador das experiências ligadas a preservação e divulgação do patrimônio cultural das populações tradicionais do Delta do Parnaíba.

Outra iniciativa louvável que pode ter um impacto positivo no turismo da região foi a criação no município de Parnaíba do Museu do Mar do Delta do Parnaíba. Dos três setores do museu, dois são exclusivamente dedicados à valorização da cultura material e imaterial de comunidades tradicionais de pescadores. Desta forma, são apresentados etnograficamente as crenças e costumes que permeiam o cotidiano dos diferentes tipos de pescadores artesanais, das marisqueiras, dos catadores de caranguejos, das artesãs e dos mestres construtores de embarcações artesanais. Um último setor contempla a paisagem natural e a biodiversidade do Delta do Parnaíba. Provavelmente, estes equipamentos culturais serão incorporados nos roteiros das

agências de turismo que atuam na região e poderão oferecer aos visitantes uma visão mais abrangente da paisagem humana e natural da região.

Por fim, neste trabalho tivemos a intenção de desenvolver as análises na intersecção entre antropologia e turismo. A nosso ver, esse processo interdisciplinar, se bem feito, tem a possibilidade de produzir boas interpretações sobre a diversidade cultural com a qual turismólogos e antropólogos lidam em seu cotidiano e, ao mesmo tempo, ampliar a nossa capacidade de compreender as fronteiras culturais e geográficas comuns às duas áreas. A pesquisa que resultou neste artigo nos mostrou que a aproximação entre turismo e antropologia pode ser muito promissora na complexa atividade de desvendar os significados da cultura.

## REFERÊNCIAS

ARAKEN, Carlos. **Estórias de uma cidade muito amada**. Parnaíba: [s.e], 1988. 118p.

ARAÚJO, Adjane; ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Excursões populares e turísticas**: um enfoque sobre quase grupos e práticas de lazer na praia. Ponto URBE [recurso eletrônico]. Revista de Antropologia da USP, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/360>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BARRETO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

BORGES, Jóina Freitas. **Os senhores das dunas e os adventícios d'além mar**: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (séculos XVI e XVII). 2010. 362f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2010.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385p.

COUSIN, Saskia; APCHAIN, Thomas. **Turismo e Antropologia**: um tango da alteridade. Antropologia e turismo: coletânea franco-brasileira, Patrícia A. Ramiro (org). João Pessoa: Editora UFPB, 2019. 156p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. 248p.

ENKE, Rebecca Guimarães. **O cenário do vazio**: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu. In: *Historiæ*, Rio Grande, 8 (1): 169-188, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/4469/5091>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

ESTRANHOS no Exterior (*Strangers Abroad*). Direção: Bruce Dakowski; André Singer. **Central Independent Television (Great Britain)**; *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 1985.

GALVÃO, Valdecir; SILVA, Edvania Gomes de Assis. **Levantamento de Impactos Antrópicos, Turismo e Capacidade de Carga dos Ambientes Fluviais do Delta do**

**Parnaíba - Piauí - Brasil.** *In:* Meio Ambiente, Patrimônio e Turismo no Estado do Piauí. [recurso digital] / Edvania Gomes de Assis Silva, Francisco Pereira da Silva Filho, John Kennedy Viana Rocha, Mateus Rocha dos Santos, Valdecir Galvão. (Orgs.), Parnaíba: EDUFPI; SIEART, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978. 232p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002. 176p.

HUGUENIN, Fernanda Pacheco da Silva. **As praias de Ipanema:** liminaridade e proximidade à beira-mar. 2011. 267f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LEAL, Rosana Eduardo da Silva. **A Etnografia no Estudo do Turismo sob a Perspectiva Antropológica.** *In:* VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Universidade Anhembi Morumbi – UAM. São Paulo/SP: Setembro de 2010. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/8.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2021.

MACÊDO, Ermínia Medeiros. **O turismo na praia de Barra Grande – PI:** impactos e contribuições ao desenvolvimento local. 2011. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MARQUES, Jaciara Ferreira; SILVA, Edvania Gomes de Assis. **Unidades de Conservação e o Turismo na APA Delta do Parnaíba:** uma visão sobre a Ilha das Canárias - MA. *In:* Meio Ambiente, Patrimônio e Turismo no Estado do Piauí. [recurso digital] / Edvania Gomes de Assis Silva, Francisco Pereira da Silva Filho, John Kennedy Viana Rocha, Mateus Rocha dos Santos, Valdecir Galvão. (Orgs.), Parnaíba: EDUFPI; SIEART, 2020.

MELO, Bruno Almeida de. **Turismo e Antropologia:** uma aproximação possível. *Turismo em Análise*, v. 15, n. 1, p. 5-12, maio 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63684/66447>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. **Mar à venda:** pescadores e turismo no “Piauí Novo” (anos 1970). 2017. 205f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

***Anthropology and tourism:  
brief considerations about the beaches of the coast of Piauí***

**Abstract:** *This article aims to analyze the relationship between anthropology and tourism of sea and sun, having the coast of Piauí as a privileged place for ethnographic interpretation. This coast offers an excellent field of observation of culture from an anthropological perspective, as in addition to the natural beauties, it has a diversity of activities (fishing, handicraft manufacturing, seafood production, construction of traditional boats, etc.) that contribute to the understanding of culture in multiple dimensions. In this work, we direct our analysis to the narratives of tourism workers about tourists who visit the coast of Piauí, seeking to access their views of the world. In the research process that supports this article, we used a combination of two strategies: the portion of the work that focuses on the relationship between anthropology and tourism, as well as the reflection on the points of convergence and divergence between these two areas was performed from bibliographic research; the part that analyzes the representations built by natives around sun and sea tourism on the coast of Piauí was worked through empirical data collected in loco from field research in the following locations: Barra Grande beach in the municipality of Cajueiro da Beach -PI; Atalaia beach and Coqueiro beach in the municipality of Luís Correia - PI; and Pedra do Sal beach in Parnaíba - PI. Tourism and anthropology are areas that have remained distant for a long time. Despite this, in recent decades there has been a greater dialogue, which can be verified by the increase in scientific publications both in the field of tourism and in the field of anthropology. We hope, through this work, to expand the synergy between tourism and anthropology, contributing to the proximity to be fruitful and lasting.*

**Keywords:** *Anthropology. Tourism. Social Distinction. Beach. Leisure.*

Artigo submetido em 05/08/2021. Artigo aceito em 30/09/2021.